

A falsa proteção da saúde pública

Produtos danosos à saúde circulam pelo mercado livres de restrições legais

ULISSES CAPOZOLI

A partir de janeiro do próximo ano a produção, comercialização e importação de qualquer item contendo amianto estarão proibidas na França. A decisão vai custar pelo menos US\$ 30 bilhões ao país, incluindo-se aí os trabalhos de reconversão de indústrias, reformulação de seguros, descontaminação de edifícios que utilizaram o amianto como isolante térmico e indenização de vítimas à exposição ao mineral.

As enfermidades produzidas pelo amianto, ou asbesto como essas fibras minerais também são conhecidas, incluem a asbestose — fibrose pulmonar — câncer de pulmão e mesotelioma, uma forma de tumor que se desenvolve na membrana — mesotelió — que envolve o pulmão. Essas doenças podem aparecer até 30 anos depois da exposição às fibras do asbesto, mineral encontrado sob diferentes estruturas na natureza e com o auge de sua utilização internacional entre os anos 1940/50.

Ao se decidir pelo banimento do uso do amianto a França é o segundo país a fechar as portas a esse mineral que já foi considerado um dos mais nobres da natureza. Agora começa a ser reinterpretado como dos mais no-

civos com que o homem já teve contato. A Itália, que banuiu o uso do amianto em 1992, realizou no ano seguinte, em Milão, um seminário internacional que produziu um texto conhecido como "Apelo de Milão". Neste documento, técnicos, políticos, sindicalistas e cientistas se comprometeram com um luta para banimento crescente do mineral em todo o mundo.

O Brasil é o terceiro maior produtor de amianto, precedido apenas pela Rússia e Canadá. A principal mina, aqui — Cana Brava —, está localizada no município de Minaçu, em Goiás. A produção, de 17 mil toneladas em 1971, está agora em 200 mil toneladas-ano. Explorada pela S. A. Mineração de Amianto (Sama) ela rende US\$ 30 milhões em exportações de produtos acabados. Mas o faturamento global é um dado "top secret", que a Associação Brasileira do Amianto (Abra), reunindo 60 empresas desse segmento, não revela.

Cerâmicas revestidas com amianto para resistir ao fogo, produzidas por artesãos pré-históricos, foram descobertas na Finlândia. A Revolução Industrial diversificou seu uso que hoje vai da produção de reservatórios domésticos de água à proteção térmica de naves e foguetes espaciais.

Em 1906 um médico inglês atraiu a atenção científica para os riscos repre-

sentados pelo asbesto-amianto. Desde então, os estudos só confirmaram essa observação pioneira. Isto não estimulou que as empresas que trabalham com o mineral tomassem medidas de segurança, tanto no Brasil como no Exterior. As consequências são milhares de doentes espalhados pelo mundo, centenas no Brasil, muitos em Osasco, em São Paulo. No sábado da semana passada, 150 deles se reuniram com disposição de lutar na justiça contra a negligência de que foram vítimas. Eles são a imagem da incompetência da saúde pública em coibir

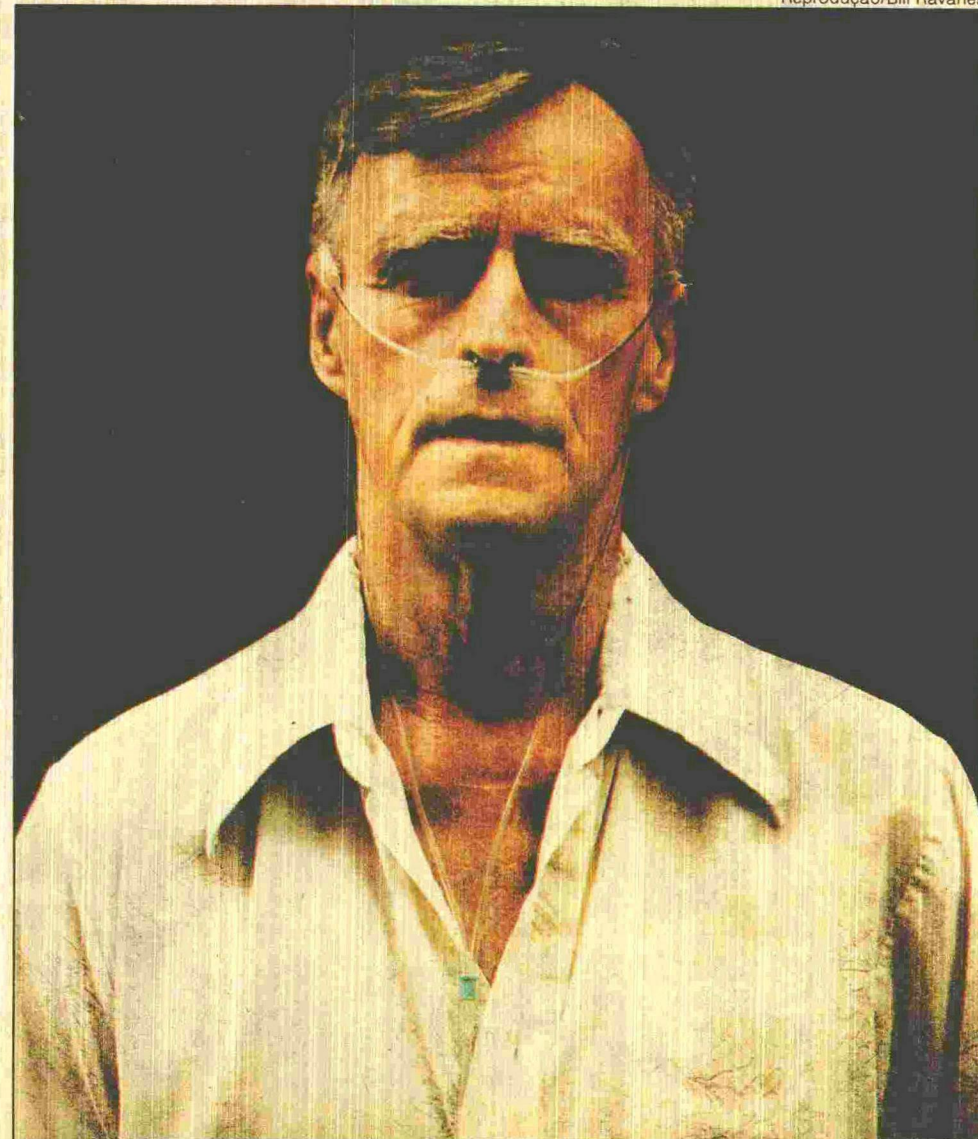
abusos que não se restringem a condições de risco na manipulação apenas do amianto. Incluem o controle de substâncias igualmente danosas à saúde como o ascarel. No início do mês, o ascarel foi usado como óleo comestível, numa favela

carioca. Há ainda casos como equipamentos radiológicos abandonados, como o que produziu, em 1987, o acidente radioativo com o cézio, em Goiás.

Negligência com saúde pública, tanto no Brasil como no resto do mundo, também pode estar permitindo a manipulação dos teores de nicotina na indústria de cigarros como forma de viciar pessoas. O caso do amianto está na página D2 desta edição. O relato das práticas na indústria do fumo nas páginas D3 e D4.

PRODUÇÃO
BRASILEIRA
ATINGE 200 MIL
TONELADAS

Reprodução/Bill Ravanese



Contaminado pelo asbesto-amianto tem seu pulmão enrijecido, nos Estados Unidos. Casos, no Brasil, ainda não estão dimensionados